

A LITERATURA DE OSMAN LINS E SUA CRÍTICA AO AUTORITARISMO

LITERATURE OF OSMAN LINS AND HIS CRITICAL
TO AUTHORITARIANISM



Vol.10 Número 20

jul./dez .2015

p. 861 - 869

Aguinaldo José Gonçalves¹

Ivanor Luiz Guarnieri²

RESUMO: A relação entre literatura e realidade envolve dois setores de investigação: arte e ciência. Sobre a arte, a perquirição em textos literários indiciam proximidades e rupturas em relação ao mundo da concretude. A pesquisa acerca da relação entre literatura e sociedade é inesgotável e motivo de permanente debate. O presente estudo toma para análise textos do escritor Osman Lins, pois que ele produziu tanto obra literária quanto artigos de jornal; a estes chamamos aqui de textos de intervenção. O propósito da investigação aqui apresentada é saber se, apesar de distintos na forma e no conteúdo, que elementos comuns podem ser apontados em diferentes escritos de Osman Lins? Portanto, o objetivo é mostrar elementos que perpassam os escritos osmanianos, mesmo sendo eles variados. Para tanto a análise se ocupou de alguns textos nos quais há simbiose textual, como é o caso, por exemplo, do artigo “Confissões de um brasileiro de hoje”; escrito como artigo de jornal, mas com os elementos próprios da criação literária. Os resultados da pesquisa apontam a permanência de ideias centrais que perpassam as obras de Osman Lins, próprias de sua concepção de mundo e do seu papel como escritor. Os elementos comuns presentes em diferentes textos seus são: o engajamento como escritor atuante que almeja intervir, a seu modo e com sua arte, na realidade; a perspectiva assumida de respeito à relação direta, que estabelece, entre o que escreve e os coetâneos a quem se dirige; O viés de crítica da realidade social. E, sobretudo, a fidelidade a si mesmo e a seu trabalho. Conclui-se que, mesmo tendo escrito textos de diferentes matizes e finalidades, permanece a concepção ético social do escritor, concepção que se mostra inclusive na voz autoral de sua obra literária.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura. Literatura. Sociedade.

ABSTRACT: The relationship between literature and reality involves two research areas: art and science. About art, perquisition in literary texts indicate nearby and disruptions from

¹Doutor em Letras (USP). Livre-docência pela UNESP. Poeta, crítico de arte e teórico na área da Literatura e outros Sistemas Pesquisador do “Mapa Cultural: Centro Interdisciplinar de Estudos em Cultura e Artes” – UNIR - RO. Pesquisador do Grupo de Pesquisas “Estudos de Literatura e Relações Intersemióticas” – PUC – GO. agnus.fenix@gmail.com.

²Doutorando em Literatura Dinter Unir – UNESP. Pesquisador do “Mapa Cultural: Centro Interdisciplinar de Estudos em Cultura e Artes”. Professor da Universidade Federal de Rondônia. ivanoremarta@hotmail.com.

the world of concrete. The research on the relationship between literature and society is inexhaustible and cause permanent debate. This study test sample texts of the writer Osman Lins, for which he produced both literary work as newspaper articles; these call here intervention texts. The purpose of the research presented here is whether, although different in form and content, that common elements can be pointed in different writings of Osman Lins? Therefore, the aim is to show elements that underlie the osmanianos written, even though they varied. For this analysis it took some texts in which no text symbiosis, such as, for example, the article "a Brazilian denominations today"; written as a newspaper article, but with the very elements of literary creation. The survey results point to stay central ideas that permeate the works of Osman Lins, his own conception of the world and its role as a writer. Common elements present in different texts his are: engagement as an active writer who aims to intervene in its own way and with his art, in fact; the view taken of respect for the direct relation establishing between the writing and peers to whom it is addressed; The critical bias of social reality. And above all, loyalty to yourself and to your work. It concludes that even though written texts of different hues and purposes, remains the social ethical conception writer, design that shows including the copyright of his literary work voice.

KEYWORDS: Culture, Literature, Society.

Introdução

O escritor pernambucano Osman Lins (1924-1978) escreveu diferentes textos com diferentes destinações. Além de escritos literários, também produziu reflexões sobre a vida cotidiana em artigos de jornal e livros de ensaio nos quais analisa, entre outras coisas, a ondição de escritor. Fez ainda reflexões sobre o modo como são utilizados trechos de obras literárias em livros didáticos, como será mostrado mais adiante.

A obra ficcional de Osman Lins se estende desde a publicação de "O visitante", romance de estreia publicado em 1955, até "Domingo de Páscoa" publicado postumamente. "O visitante" foi agraciado com prêmios da Academia Paulista de Letras e da Academia Brasileira de Letras, sinal de reconhecimento do mérito de sua escrita ficcional em seu nascedouro. Mas Osman Lins foi além da literatura propriamente dita, ocupando-se em realizar o que chamamos aqui de escritos de intervenção, como "Guerra sem testemunhas", de 1969, "Um mundo estagnado", de 1966, e "Evangelho na Tabá", publicado um ano depois de sua morte. Em "Evangelho na taba" encontram-se reunidos artigos e entrevistas do autor, publicados em diferentes jornais e revistas, ao longo de sua carreira.

A classificação de escritos de ficção e escritos de intervenção se desdobra em outras categorias. Os escritos de ficção são classificados em romances, contos, teatros, casos especiais escritos para a TV Globo. Os textos de intervenção variam conforme o veículo de divulgação, ou seja, se jornais ou livros; variam conforme o assunto tratado, se a abordagem diz respeito ao convívio social entre as pessoas, se trata da condição do escritor, ou ainda sobre o tratamento dado à literatura brasileira em obras didáticas.

A pergunta inicial da investigação que apresentamos para este artigo é: que elementos comuns podem ser notados entres os diferentes escritos de Osman Lins? O propósito da investigação é saber se, apesar da variedade de assuntos, de formas de escritos e dos diferentes meios de publicação, é possível identificar ideias que perpassam seus diferentes trabalhos.

O resultado da pesquisa indica que há algumas ideias centrais que perpassam a obra osmaniana. Além disso, há a permanente atitude autoral de Osman Lins. Atitude autoral entendida aqui como a sua concepção de mundo e a maneira como o escritor se coloca diante da realidade, ambas sempre expressas em seus textos. Quanto ao que se pode concluir disso, os resultados da pesquisa fornecem respostas a serem apresentadas na

conclusão do presente artigo.

A análise a seguir se prende aos escritos de intervenção e, em particular, a um artigo de jornal, exaustivamente estudado.

Escritos de intervenção

Publicado em homenagem ao escritor, “Evangelho na taba” reúne artigos de Osman Lins “quase todos, no Jornal do Brasil e no Jornal da Tarde” (LINS, 1979, p. 9). Dividida em seis partes, a obra apresenta para cada uma das partes os seguintes títulos: reflexões I; o que está acontecendo no Brasil; a guerra continua; problemas da cidade; as vozes do mundo; reflexões II; um escritor que não silenciou sobre o seu tempo. Esta última parte, “um escritor que não silenciou sobre o seu tempo”, ocupa pouco mais de 52% da obra e é composta exclusivamente de entrevistas concedidas pelo autor ao longo da carreira.

O fio condutor das diferentes abordagens de “Evangelho na taba” se encontra no artigo do qual originou o título do livro: “Anchieta ou o Evangelho na taba”. Segundo o poeta José Paulo Paes, Osman Lins “viu com justeza, nesse missionário de boa formação literária que escrevia autos em tupi para poder chegar até sua audiência selvícola, um símbolo do escritor brasileiro a pregar, ‘com alegria e desespero’, seu evangelho civilizador num meio culturalmente ralo e apático” (PAES, 1979, sem paginação). Note-se aqui que esta perspectiva apontada por José Paulo Paes é pertinente para a obra osmaniana tomada no todo, incluindo seus romances e contos, e não apenas para seus artigos de intervenção.

Misturando ficção e realidade no artigo “Confissões de um brasileiro de hoje”, Osman Lins diverte o leitor com sua fina ironia e educa-o contra a ideologia de poderosos e ditadores da época. Publicado em maio de 1978, é um ataque às determinações impositivas dos que querem mandar na vida dos outros, decidindo tudo em nome de um suposto bem alheio, quando no fundo só interessa conseguir fazerem-se obedecidos. De imediato, na primeira frase do artigo, está apontado o objetivo do mesmo: “muito hesitei, antes de escrever, para edificação dos meus contemporâneos, o depoimento que se segue” (LINS, 1979, p. 31). Apesar de ser artigo de jornal, o narrador não é Osman Lins, mas um fictício. Trata-se de narrador autodiegético. Quem conta a história, contudo, parece não ter determinação alguma sobre os acontecimentos. Ironicamente, embora em primeira pessoa, a narração diz respeito à vida de um sujeito que sofre os acontecimentos, pois as decisões sobre sua vida são sempre tomadas sempre por terceiros. O que o narrador diz ter vivido, representa a história de “milhões de brasileiros meus contemporâneos, que, dentro das possibilidades que nos são judiciosamente atribuídas pelos governantes, sempre ciosos de não nos sobrecarregarem com demasiadas responsabilidades, vimos construindo a grandeza do país” (LINS, 1979, p. 31). Esse tom de galhofa lembra as peças de Voltaire. A ironia no trato das questões sai da voz narrativa como se esta incorporasse o discurso oficial, das autoridades da época, mas revelam, sobretudo, a crítica aguda ao Regime Militar, cujos discursos falavam da grandeza do Brasil e faziam indiretamente apologia aos governantes.

A razão da escolha desse formato de escrita, literária, para um artigo de jornal, apresenta a dupla face de um texto colado à realidade política e econômica do país, e, ao mesmo tempo, criar o distanciamento irônico por meio de procedimentos próprios desta arte. O uso da Literatura como forma de escrita é justificado pela voz autoral de Osman Lins, escondida na fala do narrador. Diz ele: “pensei além disso, que o debate é sempre um tanto abstrato e que, por vezes, a descrição de um caso específico pode ser mais esclarecedora quanto a determinado problema que toda uma longa discussão” (LINS, 1979, p. 31). Temos aqui o caso típico de entrelaçamento entre a voz narrativa em primeira pessoa e a voz autoral, cuja intenção crítica é ironizar “o regime político a cuja sombra vigilante, paternal, sábia e protetora temos a fortuna de viver” (LINS, 1979, p. 31). A história ficcionalizada se

mostra como denúncia contra a ideologia do regime, ideologia que se oculta no autoritarismo. É sátira, como se nota no seguinte trecho em que diz ser “um tributo aos que vem, com mão segura, regendo a Nação, a minha vida e mesmo, de certo modo, a minha consciência” (LINS, 1979, p. 31). Próprio da sátira, a narrativa é construída pela ambiguidade do elogio hiperbólico com o qual desnuda os erros daquilo que é elogiado, mostrando os desmazelos do regime político e a tentativa desse de dominar até mesmo a mente das pessoas.

Nos dois primeiros parágrafos são dadas as razões do artigo, a escolha da ficção como possibilidade de abordagem mais bem colocada para o debate da situação do País e do tipo de narrativa em forma de sátira contra os governantes. Finalmente, no terceiro parágrafo é dado o nome do narrador: Artaxerxes. Ora, sabemos que Artaxerxes é o nome pomposo de três reis persas dos séculos V e IV a. C. Tal aspecto liga ainda mais o texto de Osman Lins com os contos de Voltaire, pois também os desse autor são seguidamente ambientados na Pérsia antiga. Mas, no escrito de Osman Lins que aqui estamos analisando, deparamo-nos com o fato de que batizar com nome de rei um personagem do povo, pessoa simples, portanto, parecia não adequado aos olhos das autoridades. Como reclama o personagem narrador:

Já não estou muito de acordo com a troca que anos depois veio a ser feita, à altura dos meus sete ou oito anos. Perguntaram-me:

- Como se chama?

E ao ouvirem o nome de Artaxerxes:

- Não. Esse não lhe serve. Agora você se chama João. É melhor, mais cômodo e será mais vantajoso. Pensemos sempre no nosso querido João. (LINS, 1979, p. 31).

A troca parece inocente, mas tira o tom nobre do nome do narrador. Além disso, nota-se que o personagem é construído de tal modo que sintetiza e representa a média do homem brasileiro; definitivamente um homem do povo. Quanto ao novo nome, João, é um sujeito oculto quem o dá. Diz o narrador: “perguntaram-me”, mas, afinal, quem perguntou? Não se sabe ao certo. Talvez alguém da escola, pois é a idade na qual o narrador declara já estar estudando. Os dois verbos, “perguntaram-me” e “pensamos”, enriquecem o texto com a ambiguidade própria da ambivalência literária (WOOD, 2012, p. 69). É também um convite à participação do leitor que, diante da lacuna, conjectura possibilidades de respostas para a identidade dos que nomeiam como João quem foi registrado como Artaxerxes.

O narrador sintetiza sua existência como sendo resultado de escolhas feitas por outrem. A escola que estudou não era a que desejava, além disso, estava instalada num prédio velho. Não era essa que queria, “mas outra perto do cemitério, com professores vindos do estrangeiro, atenciosos, cheios de sabedoria, mas incapazes de entender o meu Português” (LINS, 1979, p. 32). Trata-se aqui de observação pedagógica a partir da teoria da escola dualista (SAVIANI, 1986, p. 25-34). São duas as escolas nitidamente separadas. A escola para os pobres e a escola para os filhos dos ricos. Ao caracterizar elogiosamente a escola boa, para a qual seu acesso está interdito, o narrador aponta as falhas da escola onde estudou. Segundo ele, na escola que frequentou os professores seriam pouco atenciosos, sem sabedoria, portanto malformados e com um português tão ruim quanto dos alunos. Tais características são inferidas das afirmações de que na escola boa os professores seriam o contrário disso. O fato de os professores estrangeiros não conhecerem o linguajar do personagem, ou mesmo seu idioma, parece não ser obstáculo, ele deseja estudar com eles, em uma escola mais bem ordenada.

Quanto às escolhas, segundo ele próprio informa, João nada escolhia, só desejava. Mesmo ao coincidir o que ele queria com aquilo que lhe era dado, despontava a insatisfação. De tal sorte que, tendo sido seu desejo estudar de manhã e brincar de tarde, assim foi

concedido. Porém, “vez por outra eu me perguntava se não seria melhor o contrário, folgar pela manhã e aula de tarde” (LINS, 1979, p. 32), denotando ser importante não apenas ser atendido, mas poder decidir por si mesmo.

Decidir-se é proibido em tempos de ditadura. O personagem João é representativo do povo brasileiro. Torna-se João, João Ninguém. Outros decidem por ele. Mas o personagem, a exemplo do povo, desconfia. “E se o regime escolhido não tinha em vista os interesses de alguma outra pessoa não os meus” (LINS, 1979, p. 32). A desconfiança é substituída pela fina ironia, por meio da qual o narrador se desculpa por ter tido a dúvida acima, e ter transposto o limite da crítica ao regime. “Reflexões infantis, sem maior importância. Sabe-se que as crianças, na sua inocência, sempre pensam coisas assim” (LINS, 1979, p. 32). Invoca assim sua inocência ante o pensar diferente do que era preconizado pelos governantes. Nesse parágrafo, o sétimo do artigo, muitas coisas importantes são apontadas. A começar pela questão da autonomia do sujeito, tema central do artigo.

A questão da autonomia reporta ao ideário do Iluminismo no século XVIII e se liga diretamente às reflexões de Immanuel Kant em “Resposta à pergunta: que é 'Esclarecimento?'” (KANT, 2005). Nesse texto, o filósofo prussiano propõe ao homem em geral que ouse saber, que tenha vontade de fazer uso da própria razão para decidir-se. A expressão *Sapere Aude*, tornou-se a divisa do Iluminismo, cuja proposta se resume em “servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere Aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento (*Aufklärung*)” (KANT, 2005, p. 63-64). João não se nega a usar do próprio entendimento, mas se mostra impedido e teme fazê-lo.

A crítica de Osman Lins em “Confissões de um brasileiro de hoje” é radical. João não tem autonomia sequer para decidir o que gosta e o que não gosta. Mesmo tendo opinião a respeito das coisas ela não é respeitada nem acerca do que deveria comer, já que “quanto a alimentação, nem uma só vez, em toda a vida, procuraram saber do que eu gostava” (LINS, 1979, p. 32). Tudo lhe era preparado no rigor do sistema. O personagem assume foros kafkianos, vendo-se cercado pelo sistema do qual não consegue desvencilhar-se. O alimento lhe é servido na hora certa; os brinquedos escolhidos para ele lhes eram entregues e logo tomados, conforme sua idade avançava. “Houve até alguns aos quais me afeiçoei. Não pude conserva-los. Eram tirados de mim no momento oportuno” (LINS, 1979, p. 32). Os rigores do sistema retiram da pessoa o direito de escolha, e, desde criança, procura incutir nela a falta de decisão. Até mesmo os atos de dar e tomar brinquedos dos pequenos eram feitos “naturalmente, sem consulta prévia, pois o cidadão deve habituar-se a não ser consultado” (LINS, 1979, p. 32).

Procurando mostrar a total falta de liberdade, o narrador detalha as proibições e as normas a serem seguidas, desde o corte de cabelo até o modo de dormir. Sua fala aponta a existência de tortura contra os recalcitrantes. “Dormir de borco e tanto apanhei que me submeti, resignado, à posição correta” (LINS, 1979, p. 32). Não se podia ficar de borco, até mesmo dormindo era preciso ficar reto. Aos que não se submetiam restava a liberdade no exílio. Este, os exilados, podiam ler o que quisessem. “Alguns dos meus companheiros, hoje no exílio, liam obras pornográficas ou de aventura. Eu como era de norma, não escolhia o que ler” (LINS, 1979, p. 32). Aprofundando a crítica acerca do que lhe era permitido ler, o narrador informa que lia “história de porquinhos, de coelhinhos, de fadas [...] de bons meninos com bons pais, boas mães, bons irmãos, depois de homens honestos, depois de vultos da História Universal, nenhum dos quais urinava, coisa que até hoje me intriga” (LINS, 1979, p. 32). A preocupação com a formação moral e cívica implica cuidar daquilo que a juventude lê. Essa preocupação destacadamente presente na Ditadura Militar, que censurava peças de teatro e livros, é apontada no artigo de Osman Lins. De fato, sobre a censura efetiva no período de 1964 – 1985, informa o historiador Nelson Piletti que, por exemplo, “o livro

História do Surrealismo acabou censurado só porque um de seus artigos se intitulava 'Revolução na poesia' e a palavra 'revolução' estava proibida" (PILETTI, 1996, p. 314).

Na fala do narrador em "Confissões de um brasileiro de hoje", nota-se a crítica à censura então presente no período do Regime Militar, pois se João só podia ler livros insossos seus companheiros no exílio podiam ler obras de aventura. Além disso, os tais vultos da história universal, que ele era obrigado a ler, apresentavam-se como modelos de pessoas a serem seguidas, ou ao menos admiradas. Na ironia da afirmação de que "nenhum dos quais urinava, coisa que até hoje me intriga" (LINS, 1979, p. 32), está a denúncia de que tais modelos de heróis são pouco críveis, não merecendo crédito, já que se mostram irreais. Não é por acaso a escolha do vocábulo "vultos" da história, uma vez que esta palavra era comum em obras didáticas da época, escrita sob a égide do Positivismo tão a gosto do Regime Militar. Só que, se na história ensinada nas escolas do período militar, de 1964 a 1985, a palavra vulto designava algo digno e grandioso. Entretanto, na construção do artigo que analisamos aqui, a palavra 'vulto' assume caráter ambíguo, fantasmagórico, de pessoa indistinta, isso porque são personagens históricos descolados da realidade e, portanto, transformados em fantasmas, como meros vultos, pessoas que não são. Tão irreais que sequer urinam como se admira o narrador.

Qual o objetivo de tanto zelo do sistema? A resposta está no seguinte diálogo:

- João, você quer ser o quê?

Eu disse:

- O que os senhores quiserem.

E eles:

- Ótimo, excelente. Maravilhoso. Você vai ser um homem útil e correto. (LINS, 1979, p. 32-33)

Dois adjetivos: útil e correto. Embora não esteja dito o porquê de tal utilidade e correção, mas está implícito o objetivo que é atender o sistema, estando em conformidade com ele, sendo-lhe obediente.

Para se formar como homem útil e correto o personagem irá preparar-se, estudando. Para tanto, diz ele, "fiz o vestibular e entrei na Faculdade Integrada de Homens Úteis e Corretos" (LINS, 1979, p. 33). Os nomes das disciplinas estudadas beiram ao escárnio, mas, sendo construído o artigo "Confissões de um brasileiro de hoje" como comédia, ou melhor, tragicomédia, atrai o riso do leitor e, ao mesmo tempo, revela o descabro do sistema político educacional vigente no Brasil de então. Deixemos o narrador contar o que estudou:

O currículo era amplo e eu, aí, podia escolher, por exemplo, entre Introdução à Obediência ou Prolegômenos do Consentimento Tácito. Ou entre Sistemática da Resignação ou Estilística da Concordância Absoluta. Ou, ainda, entre História Universal da Decência ou Filosofia da Honestidade Ainda que Aparente (LINS, 1979, p. 33).

Pelas informações dadas pelo narrador, apresentam-se três blocos de disciplinas: Primeiro bloco, o das disciplinas introdutórias: Obediência e Consentimento; segundo bloco, das disciplinas do núcleo comum: Resignação e Concordância. Por fim, as disciplinas gerais e abstratas intituladas de Decência e Honestidade.

De um lado o quadro das disciplinas acima apontado já prevê em seus títulos os assuntos abordados; por outro lado, o modo como as matérias são ensinadas está no mesmo tom de crítica que Osman Lins já havia feito em outros artigos. É importante aqui reportar a outro escrito seu, mesmo que brevemente.

Em "Um mundo estagnado" (LINS, 1966) encontram-se reunidos artigos

publicados em 1965 pelo autor no jornal “O Estado de São Paulo”. Nesses artigos o escritor analisa obras de língua portuguesa destinadas aos alunos do ginásio e colégio, conforme a nomenclatura da LDB, Lei 4024, de dezembro de 1961. São livros para jovens entre 11 e 18 anos. As observações que faz acerca das obras se restringe exclusivamente a escolha de trechos e autores de literatura brasileira; trechos esses colocados para análise e citados nos livros didáticos como os mais representativos da literatura nacional.

Segundo Osman Lins, os principais defeitos nas escolhas dos pequenos trechos literários para os livros didáticos são: repetição de uma mesma citação em várias gramáticas; a não citação de autores consagrados, como Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade, preteridos em favor de autores como Malba Tahan e Visconde de Taunay. Estes últimos teriam qualidades literárias questionáveis em 1965. Além disso, ainda estavam para ser aceitas como dignas de figurar entre os contemporâneos brasileiros mais representativos da arte literárias de nosso País. Somados a esses problemas, lamenta Osman Lins que alguns autores de gramática usem seus próprios textos como exemplo de boa literatura. É o que faz, entre outros, Domingos Paschoal Cegalla que escreve um poema e coloca-o como exemplo de poesia bem acabada.

A crítica de Osman Lins é elaborada abertamente contra alguns autores, mas também há elogio a outros, como Celso Cunha e Fábio Freixeiro. A preocupação do escritor pernambucano pode ser sintetizada em sua atenção para com a educação da juventude, como explicita acerca da má qualidade das citações literárias e afirma que, desse modo “trazem indiscutível prejuízo para o aluno e, em consequência, também para o país” (LINS, 1966, p. 8). Na área literária, aponta a falta de critérios na seleção dos textos que são citados em livros didáticos; misturam escolas literárias com grave prejuízo ao entendimento da matéria. Osman Lins se ocupa em alertar para os erros didáticos nas obras que analisou, perto de 50 livros de língua portuguesa, e especificamente sobre a questão literária. Vê-se que sua preocupação perpassa diferentes escritos e indicia a permanente vontade em instruir, valendo-se de sua arte.

Voltando ao artigo “Confissões de um brasileiro de hoje”, nele são encontráveis observações relativas ao modo com as aulas eram dadas nas escolas destinadas aos pobres. Veja-se a esse respeito a opinião, tanto de Osman quanto do personagem João, acerca do material utilizado para o ensino: as apostilas. Os inúmeros problemas trazidos pelo uso massivo das apostilas são apontados pelo autor, em “Do ideal e da glória: problemas culturais brasileiro”, (LINS, 1977). No artigo intitulado “O verdadeiro preço das apostilas” afirma que o uso de apostilas acaba por “fortalecer uma carência já arraigada – falta de amor aos livros, de apreço pelos livros” (LINS, 1977, p. 97).

Observações de Osman Lins acerca do uso de apostilas aparecem também na voz narrativa de João, quando este afirma que estudava em apostilas, as quais “tinham a vantagem de expurgar, dos livros, trechos impróprios, inconvenientes, cansativos, preparatórios, suspeitos, atendo-se ao essencial – ao que caía nos exames” (LINS, 1979, p. 33). Além da limitação do que é lido, em razão dos expurgos de textos ditos supérfluos, há, aqui, também a denúncia contra a censura do regime militar. Obras literárias que contivessem indicações de liberdade e revolução tinham seus trechos censurados. Historicamente sabe-se que naquela época os livros didáticos eram fiscalizados e dependiam de autorização para publicação. Nesse sentido, as apostilas seriam saneadoras, como informa o personagem João, pois podiam ser construídas apenas com recortes de trechos inócuos, ou ao menos não comprometedores. Somados a isso, o aluno estava submetido, em seus estudos, à camisa de força dos exames, por isso, vendo-se obrigado a aceitar o que era ensinado, sob a pena de ser reprovados. Nas entrelinhas do artigo “Confissões de um brasileiro de hoje” a presença da censura e da ditadura escolar mostra-se nas nuances da vida de João.

Apesar das resignações de João e de todo aparato de controle, suas desconfianças

em relação ao sistema começam a surgir, levando-o a contestar o que se lhe impunham. O resultado das contestações, feitas por ele, foi sua transferência para um lugar de “clima talvez menos benigno, porém mais adequado à minha natureza” (LINS, 1979, p. 34). Em tal lugar, espécie de Sibéria Tupiniquim, lhe aguardava a futura esposa, já previamente escolhida para ele. O grau de intervenção do sistema sobre o sujeito atinge os laços matrimoniais e o foro mais íntimo, determinando relações de amor a serem cumpridas. Segundo o narrador, a alegação dada pelo regime para tamanha interferência na vida das pessoas era o fato de que o brasileiro, diferentemente do europeu ou norte americano, não teria educação suficiente para escolher devidamente o cônjuge. Alemães e americanos escolhiam sabiamente, enquanto os brasileiros ao escolherem livremente a mãe de seus futuros filhos haviam se mostrado desatinados; resultando disso uniões inconsequentes e prejudiciais para si mesmos e para o país. Era o que alegavam os que tudo decidiam em nome de João. Por isso, diz o narrador, “a escolha feita por eles tinha em vista, ao mesmo tempo, o equilíbrio da sociedade e o meu próprio bem estar. Acrescentaram que eu teria três filhos, com um e dois anos de intervalo entre eles, de acordo com o Plano de Desenvolvimento Integrado” (LINS, 1979, p. 34). Tudo previamente programado, até mesmo os nomes dos filhos e a casa financiada pelo sistema BSHH (Banco Home Sweet Home). BSHH inscrito no artigo como referência direta ao antigo BNH (Banco Nacional da Habitação), do qual o trabalhador ficava referem de inúmeras prestações da casa própria, no sistema nacional de habitação do regime militar.

Então João, parecia estar com a vida acomodada ao que devia fazer, ao que devesse pensar e a tudo aquilo que era previamente decidido por ele e para ele. Começam, porém, a aumentar nele as dúvidas sobre a integridade das intenções dos que o dirigem. No último parágrafo de “Confissões de um brasileiro de hoje”, João questiona: “pergunto se, cuidando tanto de mim, tanto me tutelando, na verdade não cuidaram eles de si: se não se protegiam a eles [...]”. Finalmente, se eles decidem por mim, quem decide por eles? Sim, eu gostaria ao menos de substituí-los por minha própria escolha” (LINS, 1979, p. 34). O despontar da consciência que não pode ser abafada, mostra aqui a desconfiança de que poderia existir por trás do sistema visível interesses invisíveis, atingindo os próprios dirigentes. É o antigo problema da permanência do poder oculto e do domínio das oligarquias, dirigindo os destinos do País e, conseqüentemente de João, personagem representativo do povo brasileiro. Trata-se de um poder que mantém o povo subjugado e impede-o de decidir.

Além da força do regime político que solapa a autonomia do sujeito, a precariedade da instituição escolar dificulta o esclarecimento sem o qual os sujeitos dificilmente podem decidir por si mesmos.

Então, o que aparenta ser apenas um artigo de jornal, datado de 1978, revela, pela escolha da narrativa ficcional, ser um retrato do Brasil. É documento de denúncia contra a falta de liberdade, contra a censura, a tortura e a ideologia política da época.

A preocupação dos dirigentes, ironicamente caracterizados pelo narrador como zelosos, tem como fim último a formação de cidadãos passivos. Os que aceitam as determinações dos governantes são chamados de homens úteis e corretos, mas assim o são para manutenção de um sistema que os escraviza. Os que contestam são condenados ao exílio ou ao ostracismo, enviados para regiões inóspitas do país.

Feita a exposição analítica sobre a crítica política presente em “Confissões de um brasileiro de hoje”, pontuada com alguns outros escritos de Osman Lins, é necessário tecer algumas palavras a guisa de conclusão.

Conclusão

Observando o conjunto da obra de Osman Lins, é notável como seus escritos, apesar de variados, trazem a marca de sua postura ética e política acerca da realidade social

do País. Desde “O Visitante”, publicado em 1955, até “A rainha dos cárceres da Grécia”. Nesta que é sua última obra publicada em vida, desponta a crítica contra certa moral pública castradora da liberdade das pessoas e contra o sistema burocrático do INPS. Em “A rainha dos cárceres da Grécia” os cárceres são metaforizados pelas salas e corredores burocráticos de um Instituto de Previdência Social antissocial, no qual está presa a personagem “Maria de França, heroína parda e pobre, perdida nas escadas, nos corredores e nas salas da burocracia previdenciária, onde luta por determinado benefício” (LINS, 1976, p. 9). São os aparelhos burocráticos que ela precisa enfrentar na frustrada tentativa de conseguir a aposentadoria. O sistema previdenciário torna-se sistema carcerário, prendendo a personagem nos descaminhos e desmando do Estado autoritário vigente quando da publicação da obra, em 1976.

No presente texto optou-se por realizar amostragem dessa crítica em artigo de jornal, no qual o personagem João conta os desmandos da sociedade injusta e autoritária em que nasceu. No artigo “Confissões de um brasileiro de hoje”, transparece o posicionamento do autor ante o mundo daquele período, construída sua postura em forma literária. Significativa nesse sentido, é a emblemática mudança de nome do narrador, de Artaxerxes para João. João é qualquer um que sofre os desmandos do autoritarismo reinante e que impede o pleno desenvolvimento humano da pessoa. Donde se conclui da permanência do ideário ético que se torna engajamento político em Osman Lins.

Então, para a pergunta geradora da pesquisa, sobre o que há de permanente na obra de Osman Lins, é possível dizer que, apesar das variações formais da mesma e da variedade de objetivos, temas e escritos do autor, permanece a concepção do papel do escritor que, a exemplo de José de Anchieta, escreve para educar seu povo, instruindo e advertindo por meio da literatura. Por meio dela Osman Lins chama a atenção para os inúmeros problemas relacionados à formação humana, para a qual entende que o trabalho com as Letras tem um papel a desempenhar.

REFERÊNCIAS

- KANT, I. Resposta à pergunta: “que é Esclarecimento”. In. _____. **Textos seletos**. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LINS, O. **A rainha dos cárceres da Grécia**. São Paulo: Melhoramentos, 1976.
- _____. **Evangelho na taba**: outros problemas inculturais brasileiros. São Paulo: Summus, 1979.
- _____. O verdadeiro preço das apostilas. In. _____. **Do ideal e da glória**: problemas inculturais brasileiro. São Paulo: Summus, 1977.
- _____. **O visitante**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1955.
- _____. **Um mundo estagnado**. Recife: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Recife, 1966.
- PAES, J. P. Um guerreiro da cultura. In. LINS, O. **Evangelho na taba**: outros problemas inculturais brasileiros. São Paulo: Summus, 1979.
- PILETTI, N. **História do Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1986.
- WOOD, J. **Como funciona a ficção**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Recebido em: 11/07/2015

Aprovado para publicação em: 03/08/2015